

Sintomatologia freudiana: histeria¹

Por *Jairo Gerbase*

O caso de Dora é umas das cinco psicanálises. Originalmente se chamava “Sonhos e histeria”, porque através dele Freud queria demonstrar que um sonho é uma interpretação de um sintoma histérico.

Dora estava com 18 anos e tinha um irmão um ano e meio mais velho que ela quando começou sua análise com Freud. Seu pai era um industrial bem sucedido aos 50 anos. Dora tinha muita afeição por seu pai. Ela o acompanhou de perto durante suas três principais enfermidades: quando contava 6 anos seu pai padeceu de tuberculose, aos 10 anos sofreu descolamento da retina tendo de submeter-se a tratamento em quarto escuro e aos 12 anos de Dora uma crise de confusão mental de origem vascular o levou a submeter-se a um tratamento medicamentoso sob os cuidados de Freud. O êxito desse tratamento determinou que 6 anos mais tarde o pai de Dora a trouxesse para uma análise com Freud.

Uma tia da linhagem paterna morreu de marasmo e um tio da mesma linhagem era um solteirão hipocondríaco. Dora estava identificada com esta tia assim como, de certo modo, com a linha paterna. O que Freud conseguiu destacar de sua mãe foi a “mania de limpeza”; era doméstica e inculta. As relações entre Dora e sua mãe eram inamistosas. Nesta família, diz Freud, a atração sexual unira pai e filha de um lado e mãe e filho de outro.

Freud observa, em nota de rodapé, que estes dados não estão sendo evocados para valorizar o fator da hereditariedade na histeria. Quer ele chamar nossa atenção para o fator da constituição sexual, a experiência pré-histórica. Nossa opinião é a de que é preciso distinguir na história familiar o que são os dados da linguagem e os d’alíngua. Trata-se de localizar os mal-entendidos próprios aos seres falantes nesse quadrilátero: Dora, seu pai, sua mãe e seu irmão. Por exemplo, o nome Dora, que

¹ Cf. FREUD, S., *Fragmento da análise de um caso de histeria*, (1905), ESB, v. VII.

chamamos de nome do gozo, é um dado d'alíngua e significa *alguém que não pode conservar seu próprio nome*².

Desde os 8 anos de idade Dora sofria de dispnéia crônica. Aos 12 apareceram as enxaquecas e a tosse nervosa. O sintoma mais incômodo era, todavia a afonia. Diversos tratamentos sem êxito fizeram de Dora uma mulher que ria dos médicos. A primeira vez que consultou Freud, aos 16 anos, trouxe a tosse e a rouquidão. Não demandou uma análise. No ano seguinte, depois do falecimento da tia, simulou uma apendicite e estabeleceu-se em Viena. Agora Dora era uma mulher atraente e inteligente, porém deprimida e insatisfeita. Tornou-se inamistosa com o pai. Apesar da fadiga e da falta de concentração de que se queixava constantemente, Dora se ocupava estritamente em *ouvir conferências para mulheres*³. Seus pais ficaram alarmados quando encontraram uma carta de despedida na qual Dora dizia não suportar mais a vida. Porém, seu pai não acredita que a moça tinha intenções suicidas sérias. Depois de uma discussão com ele Dora desmaiou e por isso, apesar da relutância, aceitou entrevistar-se com Freud.

Dora não é um caso de grande ataque histérico típico do século XIX, tampouco um caso de histeria moderna que consiste em pura demanda. Freud considera um caso comum de pequena histeria - dispnéia, tosse nervosa, afonia, enxaquecas, depressão, insatisfação.

O que lhe importa, em primeiro lugar é determinar através da análise os elementos subjetivos que desempenham um papel causal na neurose - traumas psíquicos, conflitos de afetos e transtornos sexuais. No caso de Dora esses elementos estão diretamente vinculados à relação com a família K. O Sr. K fizera uma declaração amorosa a Dora durante um passeio no lago. Dora conta à sua mãe. Sr. K chamado a se explicar nega o fato e levanta a suspeita que Dora vivia muito interessada em assuntos femininos, segundo Sra. K, e que no momento estivera lendo a *Fisiologia do Amor*, de Mantegazza, assunto que a poderia ter excitado muito e suscitado este tipo de fantasia. O pai de Dora não tivera dúvidas que este episódio era responsável pela depressão e as idéias de suicídio de sua filha, posto que ela vivesse implorando que ele rompesse relações com o Sr K e mais particularmente com a Sra. K, porém ele mesmo passou a considerar tudo isso

² *Id.*, *A psicopatologia da vida cotidiana*, (1901), *op. cit.*, v. VI, cáp. XII, A (1), p. 288-9.

³ O grifo é nosso. Trata-se de mais um exemplo de dados d'alíngua.

produto da fantasia de Dora, já que não estava disposto a desfazer sua amizade com a Sra. K.

A experiência com Sr K, diz Freud - sua proposta amorosa e o insulto a sua honra - é o trauma psíquico, condição necessária a formação do sintoma histérico, desde que consigamos localizar a relação entre esse episódio e a estrutura, o infantil. A investigação analítica de Freud leva Dora a relatar uma cena anterior, aos 14 anos, no escritório de Sr K, ocasião em que ele a beijou, de súbito. Dora acusou que sua reação foi de repugnância.

Para Freud, a reação de Dora, nessa oportunidade, já era histérica, porque ele considera que a ocasião deveria despertar uma excitação agradável e não essa *inversão do afeto* que condiciona a *esquiva* histérica. Além disso, há também um *deslocamento* da sensação - da excitação sexual para a repugnância. Há ainda aversão aos alimentos baseada nesse deslocamento. Mesmo a dispnéia deve ser considerada como metonímia da pressão do pênis do Sr K sobre seu corpo. Há finalmente a evitação de homens em conversa afetuosa com mulheres, mecanismo semelhante ao de uma fobia. Há, portanto uma conjunção de experiências infantis de natureza oral e fálica.

Com efeito, Dora não consentia com a relação amorosa de seu pai com a Sra K. Sua mãe se limitava a dar a explicação misteriosa de que a Sra. K era apenas uma enfermeira de seu pai, que na ocasião fizera uma tentativa de suicídio. Freud compreende o sentido das idéias suicidas de Dora como a expressão de um desejo de um amor da mesma espécie. Por sua vez Sr K continuava a cortejar muito amiúde a Dora o que lhe fez concluir que fora entregue ao Sr K como prêmio por tolerar ele as relações entre sua mulher e o pai de Dora. Reside aí outro dado d'alíngua, outro mal-entendido, visto que, a rigor, em nenhum momento esses dois homens fizeram tal acordo. Mais ainda porque as censuras de Dora são também autocensuras, são argumentos do tipo *tu quoque* os argumentos das crianças e dos delírios dos paranóicos. É o que Hegel chamou de astúcia da razão em suas considerações, comentadas por Lacan⁴, sobre a *alma bela*.

A posição subjetiva de Dora ainda se esclarece em relação a sua última governanta que foi responsável por suscitar a intriga entre Dora e Sra. K. Dora

⁴ Cf. LACAN, J., "A direção da cura e os princípios de seu poder", (1958), *Écrits*, Seuil, Paris, 1966, p. 596.

suspeitava que esta também fosse apaixonada por seu pai e assim entendia a prestimosidade dela para consigo. Também Freud compreendia desse modo o cuidado que Dora devotava aos filhos da Sra. K.

Freud propõe-nos concluir que os sintomas neuróticos de Dora eram uma demonstração de seu amor por Sr K, assim como, para a esposa dele, eram uma demonstração de *repúdio*. A afonia de Dora, por exemplo, era interpretada como a perda do valor da palavra na ausência de Sr K - quando o homem que ela amava estava ausente ela renunciava à fala. Por seu turno, a escrita ganhava importância por ser o único meio de comunicação com ele através dos postais e das cartas que trocavam.

Freud introduz assim o conceito de submissão somática, o fato de que o sujeito histérico fala com seu corpo, o que deve ser entendido como sendo uma estrutura, a da linguagem que recorta o corpo e que nada tem a ver com a anatomia.

Por outro lado, o sintoma de Dora tinha o objetivo de afastar seu pai de Sra. K. O que ela não conseguira com argumentos, talvez o conseguisse assustando o pai (com a carta de despedida), ou despertando sua piedade (com seus desmaios), ou vingando-se dele. A histérica quer o sacrifício do pai. Os motivos da neurose devem ser distinguidos, como conceito, do material de que se formam os sintomas. Os motivos não participam da formação dos sintomas nem estão presentes no início da neurose. Os motivos da neurose só aparecem secundariamente, mas só quando aparecem é que a neurose fica plenamente constituída. De início o sintoma é uma razão para o sofrimento; logo se torna um instrumento do gozo. Isso justifica a resistência à cura analítica do sintoma. Chamamos esse gozo de o sentido real do sintoma. Na terminologia de Freud trata-se de ganho primário e secundário da neurose.

Os motivos da neurose começam a atuar na infância; é, portanto um dado da estrutura. Trata-se dos mal-entendidos d'alíngua que são jogados nas relações de parentesco através da linguagem. Por rivalizar com os irmãos, uma menina pode aprender a atrair a afeição dos pais para si só provocando situações embaraçosas. Digamos que esse passa a ser o seu modo inconsciente de gozar, o sentido real do sintoma. Os sintomas são usados com esta intenção. Ao mesmo tempo, este é, por sua vez, o sentido simbólico do sintoma, o de estar endereçado ao outro, a alguém.

Amanhã naturalmente ela fará uso dele diante de qualquer obstáculo de seu casamento. Interessa-nos destacar, sobretudo os motivos subjetivos dos sintomas, tal como o desejo de autopunição, a penitência e o remorso. Esses motivos tornam o trabalho analítico mais bem sucedido. Quando os motivos externos estão em jogo, tal como em Dora, em quem se tratava de sensibilizar o pai e afastá-lo de Sra. K, os êxitos são mais precários.

O mal-entendido mais importante entre Dora e seu pai, o que mais lhe trouxera amargura, foi sua presteza em considerar a cena do lago como um produto de sua fantasia de sedução e não uma sedução real. Dora chegou a esbofetear o Sr K e não permitir que ele concluísse sua declaração de amor. O que parecia enigmático já que ela se dispunha em muitas vezes anteriores a aceitar seus agrados e mesmo desta vez passeava a sós com ele no lago. Isso nos permite compreender a situação enigmática que denominamos de *esquiva* histérica. Porque persistia em se queixar do pai e em imitar sua tosse Freud procurou uma relação lógica entre esse sintoma e seu pai. Em princípio essa relação se justifica do conceito de que um sintoma satisfaz uma fantasia sexual, significa uma situação sexual. Para Dora, Sra. K só amava seu pai porque ele era um homem de posses (*ein vermögender Mann*). Esse sintagma equivoca com outro (*ein unvermögender Mann*) um homem sem recursos. Isso só podia ter sido evocado por ter um sentido metafórico, um sentido sexual - que seu pai era um homem impotente. Atribuir ao pai uma amante e considerá-lo um impotente é uma contradição. Mas o inconsciente não admite a contradição. É assim que Freud chega à conclusão de que Dora fantasiava a relação de seu pai com a Sra. K com uma *felação* e que sua enunciação comportava dizer que sua tosse era também um tipo de satisfação *per os*. Para se defender da acusação de que sua interpretação pode parecer obscena, Freud apela aos provérbios - '*J'apelle un chat un chat*' e '*pour faire une omelette il faut casser des oeufs*'. Há ainda a conexão lógica a ser estabelecida com a satisfação auto-erótica de Dora - chupar o polegar - cuja cena infantil ela relata a Freud: sentada a um canto do assoalho, ela chupava o polegar e ao mesmo tempo puxava a orelha do irmão que estava sentado ao seu lado, que pode ser evocada como circunstância da aprendizagem dos diferentes modos de gozo sexual. Poder-se-ia fazer um ensaio sobre o beijo se quisesse explorar os determinantes perverso polimorfos do gozo sexual oral. Entre outras coisas

entenderíamos o sentido dos conceitos de submissão ou complacência somática e conversão, de zona erógena ou ilhotas de gozo e de falicização ou erogenização de um órgão. Concluir-se-ia que a fantasia de felação tem origem no mais inocente dos prazeres humanos - sugar o seio.

Toda esta análise diz respeito apenas a um aspecto do caso Dora, ao que denominamos de gozo fálico. É, portanto uma análise parcial do caso. É possível interpretar outra vertente do sentido do sintoma histérico, a do gozo não-toda. Tratar-se-ia de focar a relação de Dora com a Sra. K, o que equivaleria a tratar do que chamamos de o mistério da feminilidade, que se apresenta, em geral, na experiência com os sujeitos históricos, sob o semblante da homossexualidade feminina.